

**BAUMAN, ZYGMUNT. THE INDIVIDUALIZED SOCIETY. OXFORD: BLACKWELL, 2001. 259 p.**

**A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA, OS ESTUDOS DE IDENTIDADE E A SOCIOLOGIA DE ZYGMUNT BAUMAN**

Tania M. L. Torres<sup>1</sup>

Zygmunt Bauman nasceu em 1925 na Polônia, tendo se tornado professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds, na Inglaterra. Bauman ganhou proeminência, na década de 80, por causa de seus estudos sobre a conexão entre a cultura da modernidade e o totalitarismo, especialmente o socialismo nacional da Alemanha que levou ao holocausto. Bauman vê a sociedade contemporânea (à qual foi um dos primeiros a chamar de “sociedade de consumo”) como sendo uma espécie de “modernidade líquida”, marcada, sobretudo, pela mobilidade. O lado mais impactante da obra de Bauman é sua recusa em abrir mão da possibilidade de um mundo mais justo. Em sua obra *Liquid modernity* (“Modernidade líquida”), ele condena as utopias do passado e vislumbra uma nova realidade como a única alternativa:

As utopias de antigamente permanecem condenadas no *Weltanschauung* e na filosofia de vida da nova elite global. Seus dois principais atributos (territorialidade e finalidade) desqualificam essas utopias do passado e barram, de antemão, todas as tentativas futuras de se retornar à linha de raciocínio que outrora seguiam... Utopia, em seu sentido original de um lugar que não existe, tornou-se, na lógica do mundo globalizado, uma contradição de termos. O “nenhum lugar”, o “para sempre em parte alguma”, o “nenhures de até aqui” e o “ainda não de lugar algum” não mais existem como espaço. O “U” negativo da palavra “utopia”, destituído pelo *topos*, tornou-se um “sem-teto” e sobrevive apenas no ar, não mais esperançoso de criar raízes, de brotar de novo... O modelo utópico de um “futuro melhor” está fora de questão (BAUMAN, 2000, p. 236-239).

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidade do Texas, pós-graduada em Relações Raciais pela Universidade Federal da Bahia e professora de Sociologia da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste, Cachoeira – Bahia.

Para o autor, se a perspectiva de um mundo melhor continuar sendo relegada à dimensão das utopias, o que restará será a sombria perspectiva de se pertencer a um deserto destituído de visão e espacialidade (JACOBSEN, 2004, p. 63-87). A esse respeito, os interesses mais recentes de Bauman convergem para a crise de legitimação que a academia volta a enfrentar nessa era de globalização. Duas de suas obras anteriores (*The human consequences*, de 1999, e *Liquid modernity*, de 2000) versaram exatamente sobre isso e ele agora retoma e amplia seu tratamento dessa questão em *Individualized society*, uma coleção de ensaios provocativos sobre os mais variados temas, incluindo política, educação e moralidade, divididos em três grupos: *Como somos*, *Como pensamos* e *Como agimos*.

Para Bauman, a tarefa da sociologia não é censurar ou corrigir as histórias que contamos de nossa vida, mas de mostrar que há outras formas de contar tais histórias. Ao associar as múltiplas e complexas dependências que permanecem invisíveis no âmbito da vida privada, a sociologia pode nos ajudar a relacionar nossas decisões individuais com as causas mais profundas de nossos temores e angústias, com o nosso modo de vida, com as condições sob as quais agimos e existimos, com os limites socialmente impostos de nossa imaginação e ambições. A sociologia pode, assim, ajudar-nos a compreender os processos que têm moldado a sociedade na qual vivemos, uma sociedade na qual a individualização se tornou o nosso destino. Dessa forma, a sociologia pode, também, auxiliar-nos a enxergar que, se vamos mesmo enfrentar as ansiedades que compartilhamos, isso precisa ser feito coletivamente, com a atenção voltada para sua dimensão social e não para sua natureza individual.

De acordo com Bauman, os estudos de identidade têm se tornado uma indústria florescente por seus próprios méritos. A identidade é agora um prisma através do qual outros aspectos importantes da vida contemporânea são descobertos, compreendidos e examinados. No passado, a hegemonia social era conseguida e assegurada pelo controle de edifícios estáveis e sólidos. Hoje, ao contrário, ela é obtida e mantida pelo poder da mobilidade desimpedida e pela capacidade de usar a *mídia* para reinventar a própria imagem.<sup>2</sup> O assim-chamado “discurso de identidade” dir-nos-ia, então, mais coisas

---

<sup>2</sup> É assim, por exemplo, que os Estados Unidos conseguem definir violência como sendo unicamente aquela praticada contra eles.

acerca da condição atual da sociedade humana do que os estudos conceituais e analíticos. Bauman salienta que nossa sociedade de consumo estratificou-se de tal forma que, para os pobres, a mobilidade não é mais uma opção. A diferenciação espacial aliou-se à diferenciação social e, por isso, os segmentos mais afluentes se isolam, cada vez mais, em condomínios fechados enquanto os pobres são forçosamente relegados às favelas ou aos bolsões de pobreza, sendo rotulados como membros de uma sub-classe e vistos como inúteis.

A não cristalização da identidade e, especialmente, a responsabilidade por sua cristalização relacionar-se-iam, de forma íntima, a todos os outros aspectos da vida moderna. Na esfera do dilema compartilhado por aqueles que constroem identidades, há variações significativas que separam períodos sucessivos da história moderna. É, por isso, que, para Bauman, a tarefa da auto-identificação (posta diante de homens e mulheres quando as molduras rígidas das posses patrimoniais sofreram uma fratura no início da era moderna) se resumiu ao desafio de cada um ser fiel a sua classe, isto é, acompanhar o que os vizinhos faziam, conformar-se ativamente aos tipos sociais estabelecidos, imitar os modelos de conduta, encaixar-se na fôrma, aculturar-se, não “ficar para trás”, não desviar-se da norma.

O autor postula, também, que apesar de assombrar a homens e mulheres desde o advento da modernidade, o problema da identidade sofreu mudanças em sua forma e conteúdo. O grande desafio na virada do milênio não mais seria obter as identidades de sua escolha e torná-las aceitáveis por outros, mas que identidade escolher e ficar atento a uma outra a ser adotada caso a identidade escolhida a princípio saia do mercado ou perca seus atrativos. De acordo com ele, o que mais falta ao homem moderno é a convicção de que está em controle do próprio destino, uma vez que as forças que moldam as condições sob as quais confrontamos nossos problemas estão além do alcance de todas as agências inventadas pela democracia moderna. A globalização rompante das redes de poder parecem, então, fazer parte de um complô favorável a uma política de vida privatizada (uma reforçando a outra). Tudo parece conspirar para fazer com que a globalização das condições de vida, a atomização (*morcellement* ou retalhamento) e a privatização das lutas da vida, sejam auto-motivadas e auto-perpetuadoras. É em tal contexto que Bauman

apresenta a “lógica” e a ilogicidade endêmica das preocupações contemporâneas com a identidade bem como as ações e necessidades que elas desencadeiam.

Bauman recorre aos estudos do antropólogo norueguês, Frederik Barth, para explicar que limites seguros não são criados para proteger as identidades já existentes, pois estas seriam, mesmo quando ostensivamente partilhadas, nada mais do que o produto de limites febril, mas improvisadamente traçados. É apenas quando os postes das cercas que constituem esses limites já foram cavados que os mitos de sua antigüidade são disseminados, enquanto que a natureza recente da origem dessas identidades culturais e políticas é desfarçada através de estórias que alegam uma gênese remota. Tal estratégia tenta esconder o fato de que a idéia da identidade não aponta para uma “estável massa crítica do eu”, que permeie todas as vicissitudes da história sem quebra.

A conclusão inescapável de Bauman é que, em vez de falarmos de identidades, seria mais apropriado para as realidades do mundo globalizado que falássemos de identificação, uma atividade sempre inacabada na qual todos nós, por necessidade ou por escolha, nos engajáramos. A busca desesperada de identidade não seria, portanto, o inconspicuo resíduo de épocas anteriores à globalização, nem estaria tampouco fadada à conspiração e extinção à medida em que o processo de globalização avance mais e mais. As guerras de identificação não seriam nem contrárias nem indiferentes a tal processo, mas seriam uma ninhada legítima da globalização. Elas seriam a companheira natural da globalização – e longe de serem um impedimento a seu avanço –, a elas caberia lubrificar as engenhocas que trabalham pela globalização.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmund. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000.

JACOBSEN, Michael Hviid. “From solid modern utopia to liquid modern anti-utopia? Tracing the utopian strand in the sociology of Zygmunt Bauman”. *Utopian Studies* 15.1, 2004, p. 63-87.